

José Leite de Vasconcelos e os instrumentos líticos da serra do Brunheiro (concelho de Chaves)

JOÃO LUÍS CARDOSO*

RESUMO

Estudam-se duas peças excepcionais, recolhidas nos finais do século XIX na serra do Brunheiro (Chaves), a cuja história J. Leite de Vasconcelos se encontra ligado. Trata-se de duas pontas bifaciais de sílex, de grandes dimensões, das quais uma, reduzida a metade, foi oferecida ao primeiro Director do Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontra. Classificada, tal como o exemplar completo, mais tarde também dado a conhecer, como um biface acheulense, a revisão de ambos, agora realizada, conduziu à conclusão que se trata de uma alabarda do Neolítico Final ou do Calcolítico, de um novo tipo, somando-se, deste modo, aos tipos anteriormente conhecidos em território português deste grupo de artefactos.

Palavras-chave: José Leite de Vasconcelos – Ponta foliácea de grandes dimensões – Sílex – Brunheiro (Chaves)

* Prof. Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta, Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras. E-mail – arqueolo@univ-ab.pt

ABSTRACT

Two exceptional archaeological artefacts are studied, to which J. Leite de Vasconcelos can be related to. They are two bifacial flint points, collected in the end of the 19th century in the Brunbeiro mountain, close to Chaves, being one complete and the other reduced by half. The latter was offered to Leite de Vasconcelos who took it to the Museum where he was Director, and it is still there today. It was previously classified as an Acheulean biface, like the complete one, published later. The revision of both performed now lead to their classification as halberds of a new type, from the Late Neolithic or Chalcolithic, being therefore added to the types previously described in the Portuguese territory for this group of artefacts.

Keywords: José Leite de Vasconcelos – Large leaf-shaped point – Silex – Brunbeiro (Chaves)

1. INTRODUÇÃO. CONDIÇÕES DE DESCOBERTA

Uma das duas belas peças de sílex objecto deste estudo (figs. 1 e 2), recolhida na serra do Brunheiro, Chaves, em finais do século XIX, foi objecto de anterior publicação, em co-autoria com o saudoso amigo Prof. Manuel Farinha dos Santos (Santos e Cardoso, 1999). Trata-se de exemplar notável o qual, apesar de ter já sido dado a conhecer, mereceria ser de novo observado e revisto, designadamente sobre a integração cronológico-cultural que então lhe foi atribuída: biface acheulense de talhe esmerado. Mantém-se em poder de descendente de antigo possuidor do exemplar, autor da inscrição, a tinta da china, da seguinte legenda, bem visível, numa das suas faces:

“Sílex encontrado na serra do Brunheiro por João Alves de Carquere e que foi oferecida por João Baptista Falcão, Cap.^{ão} Picador de Cavallos”

Chaves 23 de Janeiro de 1890 –.

A segunda das referidas peças foi oferecida pelo então possuidor de ambas a José Leite de Vasconcelos, que a trouxe para o Museu Etnológico (figs. 3 e 4) onde, apesar das indagações efectuadas em 1999, não foi possível localizá-la; recentemente, porém, esta viria a ser ali identificada, já no decurso deste estudo, por estar referenciada com outro topónimo, o de Bóbeda (serra do Brunheiro), tendo-lhe sido atribuído o número de inventário 2008.15.1, a que corresponde o código do Museu Nacional de Arqueologia - 2300. Trata-se de exemplar em tudo semelhante ao primeiro, faltando-lhe, porém, a metade proximal.

A primeira referência que dele se conhece foi publicada pelo próprio Leite de Vasconcelos, em *O Archeologo Português*, nos termos seguintes (Vasconcelos, 1895, p. 326):

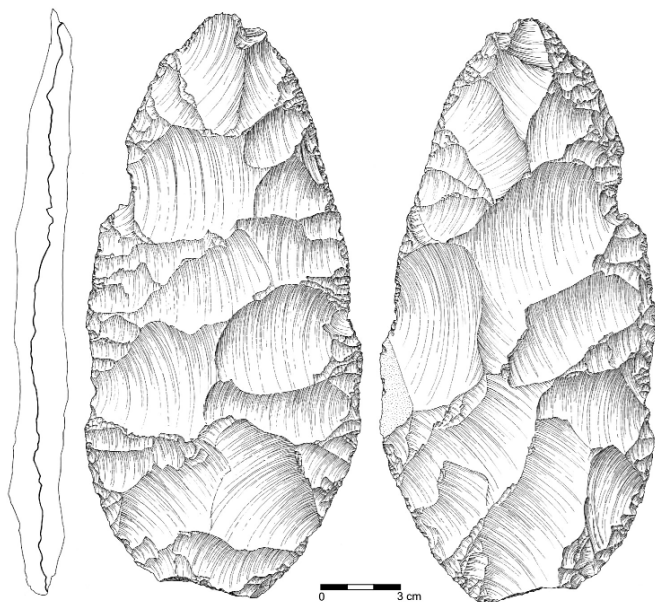


Fig. 1 – A alabarda intacta da serra do Brunheiro (Chaves). Desenho de Bernardo L. Ferreira.



Fig. 2 – Uma das faces da alabarda intacta da serra do Brunheiro (Chaves), observando-se a inscrição, a tinta da china, datada de 23 de Janeiro de 1890. Foto de J. L. Cardoso.

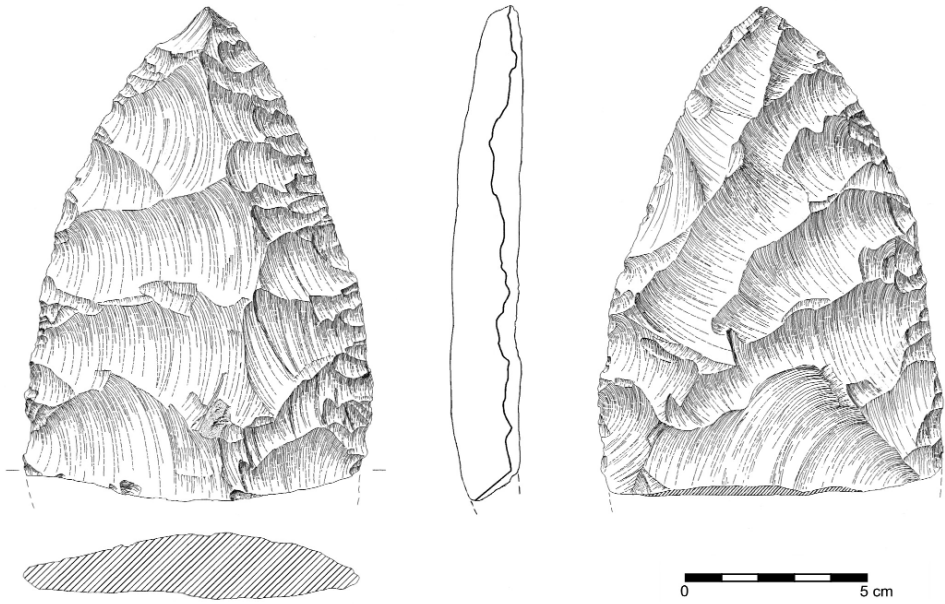


Fig. 3 – A alabarda incompleta da serra do Brunheiro (Chaves), pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia. Desenho de Bernardo L. Ferreira.

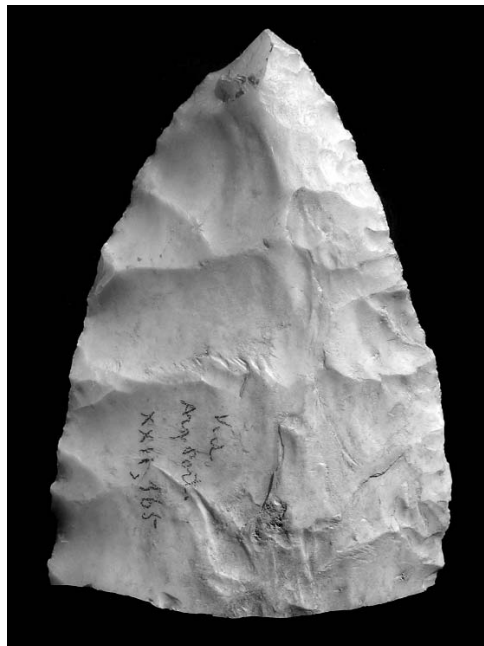


Fig. 4 – Uma das faces da alabarda incompleta da serra do Brunheiro (Chaves), pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia. Escala em mm. Foto de J. L. Cardoso.

“O Sr. José Homem de Sousa Pizarro, de Bóveda (Chaves), offereceu para o Museu, onde já está, metade de uma lança de sílex prehistorica, encontrada num monte ao pé de Chaves juntamente com outra que hoje se acha na collecção archeologica que aquelle nobre fidalgo possui na sua casa de Bóveda, onde a vi em Setembro de 1895”.

Não subsistem, pois, quaisquer dúvidas quanto aos dois exemplares ora reexaminados possuírem a mesma origem, tendo sido certamente recolhidos na mesma altura.

O rico historial do achado do Brunheiro – constituído, como se vê, por duas peças bifaciais idênticas, de sílex, de grandes dimensões, encontradas na mesma época e local, das quais apenas uma inteira – está documentado por numerosas referências bibliográficas, produzidas ao longo do século XX. Deste modo, o presente contributo insere-se no quadro da historiografia da actividade arqueológica em Portugal, com crescente importância desde há alguns anos e, em particular, no da actividade desenvolvida, no domínio da Pré-História, por José Leite de Vasconcelos.

O interesse intrínseco destes dois exemplares, de características únicas, pelo menos em toda a região a Norte do Douro, justifica, por outro lado, a revisão do estudo efectuada em 1999, à luz de conhecimentos mais recentes sobre a produção de peças bifaciais de sílex, em território português.

2. HISTORIAL

Em 1912, desempenhando as funções de Conservador no Museu Etnológico Português, Vergílio Correia refere-se ao exemplar do Brunheiro nos seguintes termos: “... para o Museu Etnológico de Belém trouxe o seu ilustre director, da Serra do Brunheiro (Chaves), uma ponta grande, de sílex, trabalhada com cuidado, a qual é, tanto pela qualidade da pedra como pela técnica da factura, uma das melhores peças arqueológicas do país, embora reduzida a metade” (Correia, 1912, p. 60).

Pela mesma época, a peça foi referida por Joaquim Fontes, em curta comunicação sobre o Paleolítico em Portugal, apresentada ao Congresso Pré-Histórico de França, reunido em Nîmes em 1911, nos seguintes termos: “Au Musée Ethnologique Portugais, à Lisbonne, on peut voir un magnifique outil de silex, trouvé dans la Serra da Brunheira, aux environs de Chaves (Tras-os-Montes)” (Fontes, 1912, p. 137). Mais tarde, o mesmo autor voltou a referir-se à peça do Brunheiro conservada no Museu Etnológico em obra de síntese e de divulgação sobre a presença em Portugal do Homem paleolítico (Fontes, 1923, p. 18), mantendo a sua atribuição ao Paleolítico. Foram, pois, Joaquim Fontes, em 1911, e Vergílio Correia, no ano

seguinte, os primeiros a atribuírem idade paleolítica ao exemplar em causa.

Na sequência destes dois estudos, também Leite de Vasconcelos classificou a peça de época paleolítica, primeiro em 1915, depois em 1917, nas páginas de *O Archeologo Português*, onde descreveu os resultados da sua viagem de Setembro de 1895, altura em que trouxe para o Museu que dirigia a peça em causa, declarando, sobre a mesma, o seguinte:

“Em Bóveda... obtive metade de um machado paleolítico de sílex, do qual já falei na *His. do Museu*, p. 132. Vid. Figs. 91 e 91-a (perfil). Este fragmento de machado, que mede de comprimento 0^m,131, e é, quanto sei, o primeiro instrumento paleolítico do Norte que se publica pela imprensa, foi-me oferecido pelo S.^o José Homem Pizarro...” (Vasconcelos, 1917, p. 164).

Não é na p. 132, mas sim nas p. 172 e 338 da *Historia do Museu Etnológico Português* que, no âmbito da apresentação das acções desenvolvidas fora do Museu por Leite de Vasconcelos, relativas ao ano de 1895, o exemplar do Brunheiro é referido nos seguintes termos: “...possue o Museu metade de um instrumento de sílex do tipo de Saint´Acheul, vindo de uma Quinta das abas da serra do Brunheiro (Chaves)...” (Vasconcelos, 1915, p. 172); “..., Chaves aquisição de lápides romanas, e de metade de um instrumento paleolítico...” (Vasconcelos, 1915, p. 317). Mais tarde, volta a aludir ao mesmo exemplar, em curta passagem, a propósito dos instrumentos paleolíticos remetidos ao Museu por H. Breuil, resultantes de recolhas pessoais na região de Arronches (Vasconcelos, 1920, p. 58).

Na peça em questão, após J. Leite de Vasconcelos, numa das faces, a seguinte indicação a lápis de carvão (fig. 4): “Vid. Arq. Port. XXII, 165”. Na face oposta, lêem-se duas inscrições, uma a lápis de carvão e outra a lápis azul, do mesmo teor, também de autoria do primeiro Director do Museu: “AP XXII, 165”.

A identificação, em 1895, por Leite de Vasconcelos, destes dois exemplares, deve ter-lhe provocado profunda surpresa e impressão, visto que, vinte anos

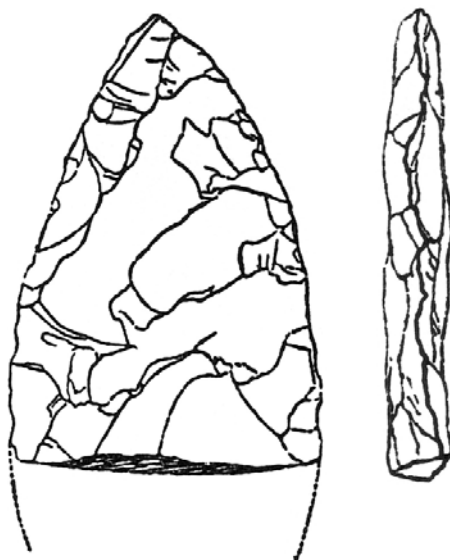


Fig. 5 – Desenho do fragmento de ponta foliácea da serra do Brunheiro, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, que acompanhou um dos artigos de J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1917, fig. 91).

volvidos, aquando de uma nova deslocação a Chaves, em serviço de exames liceais, ainda se refere ao exemplar completo, em carta ao seu amigo e discípulo Joaquim Fontes, nos seguintes termos (fig. 6): “... vi em mãos de particulares uma

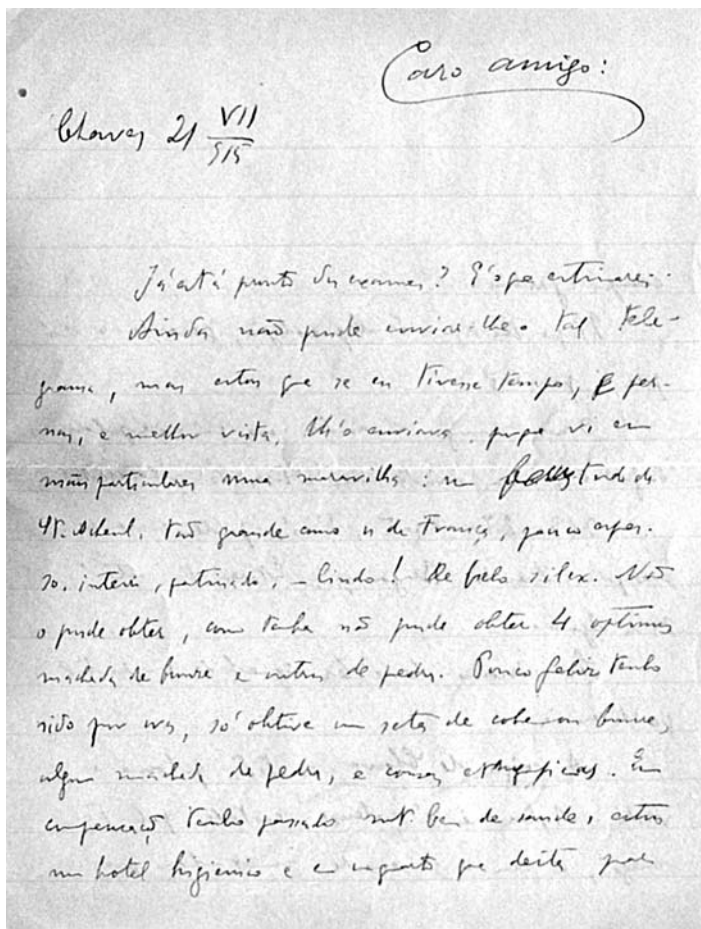


Fig. 6 – Primeira página de carta endereçada por Leite de Vasconcelos a Joaquim Fontes, onde menciona um dos exemplares da serra do Brunheiro.

maravilha: um faz tudo de St. Acheul, tão grande como os de França, pouco espesso, inteiro, patinado, – lindo! De belo sílex. Não o pude obter...”

Mendes Correia, interessado também pelos testemunhos mais recuados da presença humana em território português, refere-se, igualmente, à peça do Brunheiro, primeiro no seu ensaio “Raça e Nacionalidade” (Correia, 1919, p. 37), depois em duas importantes sínteses, ainda hoje de consulta proveitosa: trata-se da sua obra clássica “Os Povos Primitivos da Lusitânia”, onde repete o

que já havia dito sobre a peça (Correia, 1924, p. 149, 151), acompanhada de uma figura onde assinala a respectiva localização, atribuindo-a também ao Paleolítico, e do capítulo da História de Portugal dirigida por Damião Peres, intitulado “A Lusitânia Pré-Romana” (Correia, 1928, p. 103), no qual transcreve as mesmas palavras sobre a peça em apreço.

Entretanto, as sucessivas referências ao fragmento trazido por Leite de Vasconcelos para o Museu Etnológico, justificaram que, em obras sobre a Pré-História peninsular publicadas no país vizinho, aquele tenha sido, igualmente, objecto de menção. É o caso da segunda edição da obra de Hugo Obermaier “El Hombre Fósil”, a qual cita, ainda que sumariamente, este exemplar (Obermaier, 1925, p. 225).

A projecção internacional do achado do Brunheiro reforçou a importância que lhe foi conferida na arqueologia nacional. Assim, em 1930, Abel Viana, ao inventariar e cartografar as estações paleolíticas do Alto Minho, refere-se ao exemplar em apreço do seguinte modo: “Trás-os-Montes conta um só *coup-de-poing*, da *Serra da Brunbeira* (arredores de Chaves)” (Viana, 1930, p. 193).

Na década de 1930, as sucessivas sínteses dedicadas à presença de indústrias paleolíticas em Portugal, da autoria de Afonso do Paço, por vezes em colaboração com Eugénio Jalhay, mencionam sempre o exemplar incompleto do Brunheiro; a última síntese publicada por ambos sobre este assunto refere-se-lhe do seguinte modo: “O prof. J. Leite de Vasconcelos traz para o Museu Etnológico um instrumento classificado de paleolítico, recolhido no Brunheiro...”, p. 22; e, mais adiante: ““Brunheiro: - Da serra deste nome, situada nos arredores de Chaves, trouxe o prof. J. Leite de Vasconcelos para o Museu Etnológico “uma grande ponta de sílex, trabalhada com cuidado, a qual é, tanto pela qualidade da pedra como pela técnica da factura, uma das melhores peças arqueológicas do país, embora reduzida a metade [transcrição de Vergílio Correia, de 1912] e que tem sido incluída entre os instrumentos paleolíticos”” (Jalhay; Paço, 1941, p. 34). Esta aparente reserva dos autores quanto à aceitação da idade paleolítica do exemplar em apreço, pela primeira vez manifestada, encontra-se, aliás, confirmada pelo trecho a seguir transcrito: “O instrumento de Brunheiro, segundo o parecer de alguns arqueólogos, deve ser introduzido fora do Paleolítico” (*op. cit.*, p. 33). Esta posição de descomprometimento é, ainda, confirmada, na mesma época, por um dos referidos autores (Paço, 1940, p. 132): “O prof. J. Leite de Vasconcelos recolheu no Brunheiro um instrumento que classificou de paleolítico”.

Aliás, as reservas quanto à classificação no Paleolítico do objecto em causa, já vinham de trás (Paço, 1934, p. 29) e eram compreensíveis, dadas as suas características invulgares no contexto português e peninsular.

No que se refere ao exemplar completo, este foi, pela primeira vez, apresentado em 1962, em comunicação ao II Colóquio Português de Arqueologia, de Mário Cardoso, e republicado no volume 1 das suas *Obras* (Cardoso, 1963, 1994), que o descreve do seguinte modo (fig. 7): “Em Chaves,... tivemos a oportunidade de observar, em 1942, numa coleção particular (a Coleção pertencera a José Homem de Sousa Pizarro, e estava então na posse de D. Maria de Lacerda, da Casa de Bóveda), um magnífico exemplar de “*coup-de-poing*” ou “machado de mão” (designações impróprias, mas consagradas pelo uso), enorme e rude biface acheulense, de sílex castanho e tons rosados, com talhe amigdalóide, de 22 cm de comprimento (Fig. 4) e 10,3 cm de largura máxima, encontrado em 1890 na Serra do Brunheiro.

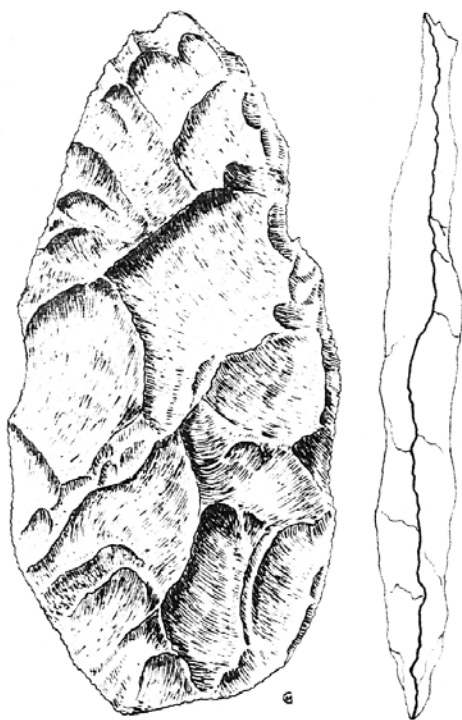


Fig. 7 – Desenho de uma das faces da ponta bifacial inteira da serra do Brunheiro (Cardoso, 1963, fig. 4).

Este belo sílex paleolítico é muito semelhante, quer na técnica de fabrico, quer pelas dimensões, e até na coloração, a certos exemplares que ultrapassam igualmente as dimensões usuais, procedentes da África do Norte...” (Cardoso, 1963, p. 83).

Verifica-se, assim, que a atribuição, por Mário Cardoso, ao Acheulense do exemplar intacto acompanhou a classificação proposta pela maioria dos autores para o seu homólogo incompleto.

3. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O exemplar completo da serra do Brunheiro possui características idênticas às do fragmento com a mesma proveniência trazido para Lisboa por J. Leite de Vasconcelos, e terá sido descoberto conjuntamente com este, já que lhe é reportada a mesma época e proveniência. Mas a história das duas peças é muito distinta. Com efeito, este último deu entrada no Museu em 1895, enquanto o exemplar inteiro foi mantido na posse da família a que ambos de início pertenciam. A estreita afinidade verificada entre as duas peças, tanto nas características da matéria-prima, como do ponto de vista morfológico e tipológico, justifica que a análise comparativa seja feita tomando-as como um conjunto coerente.

3.1. A matéria-prima

Ambas as peças são confeccionadas em sílex opaco, localmente translúcido, homogêneo e de boa qualidade, condição obrigatória, aliás, para poderem ter sido talhados tão avantajados e finos exemplares. A sua coloração primitiva seria esbranquiçada, adquirindo, com o tempo, uma bela patine amarelada ou com tonalidades ambarinas nas zonas translúcidas. Nota-se, no exemplar completo, uma pequena área marginal, junto a um dos bordos laterais, e outra, ocupando a extremidade do talão, onde se conservou a superfície primitiva da massa de sílex natural onde foi talhada.

O sílex é uma matéria-prima praticamente desconhecida na região interior centro e em todo o norte do País. Assim, a produção das peças em apreço é forçosamente exógena às referidas áreas geográficas, para mais, tendo presente o volume das massas nucleares iniciais. Na área transmontana, foram observados finos leitos de rochas siliciosas, interestratificados em rochas paleozóicas, mas que não permitiriam a obtenção de núcleos de dimensões superiores a 100-120 mm. É o caso dos afloramentos cortados por pedreira existente em local entre Izeda e Morais (informação da Prof.^a Maria de Jesus Sanches). Outras ocorrências análogas foram observadas pelo Doutor Eurico Pereira na região entre Mogadouro e Macedo de Cavaleiros, no âmbito dos levantamentos geológicos da Folha da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50 000 n.º 7 D – Macedo de Cavaleiros.

Assim, é a região estremenha aquela de onde deverá provir mais provavelmente a matéria-prima em apreço, já que no território espanhol envolvente, o sílex é igualmente muito escasso, ocorrendo, no entanto, nos depósitos aluviais do Manzanares, nos arredores de Madrid, de onde se conhecem numerosos exemplares paleolíticos, incluindo bifaces de primoroso talhe (Obermaier, 1925, figs. 27, 28). A distribuição dos principais sítios que funcionaram, no decurso do Neolítico

e do Calcolítico, como fontes de sílex encontra-se indicada na obra de S. Forenbaher (Forenbaher, 1999, fig. 5). Porém, em nenhum dos locais se encontraram esboços de tão assinaláveis dimensões.

3.2. Tipologia e integração cronológico-cultural

Do ponto de vista morfométrico, o exemplar completo do Brunheiro, de contorno cordiforme, possui o comprimento máximo de 219 mm, a largura máxima de 105 mm e a espessura máxima de 20 mm. O exemplar incompleto, de contorno idêntico ao anterior, possui a largura máxima (coincidente com a largura máxima da peça) de 94 mm e a espessura máxima (também correspondente à originalmente observada no exemplar completo) de 20 mm.

A técnica de talhe evidenciada por ambas as peças é semelhante, observando-se uma primeira geração de largos levantamentos sub-horizontais, perpendiculares ou oblíquos ao bordo, conferindo aos dois exemplares o aspecto foliáceo que possuem, embora o tamanho e a orientação dos correspondentes negativos sejam bastante variáveis; a segunda geração de levantamentos nas duas peças observa-se ao longo dos bordos laterais e, especialmente, num deles; correspondem a pequenos negativos frequentemente estreitos e subparalelos, de regularização, sucedendo-se, sobre os gumes assim realizados, curtos retoques marginais. A presença destes retoques sugere que ambos os exemplares correspondem a peças concluídas e prontas a utilizar, ou mesmo já utilizadas, e não a esboços inacabados.

Da comparação efectuada com exemplares de várias épocas e proveniências resultaram as seguintes alternativas:

1 – Bifaces do Acheulense Superior ou do Mustierense de Tradição Acheulense. Foi com os exemplares de manufactura mais perfeita desta época que se verificaram, de início, maiores semelhanças (Santos; Cardoso, 1999).

No entanto, se a peça do Brunheiro é compatível, pelo tamanho e tipologia – tratar-se-ia de um biface cordiforme, de acordo com a conclusão dos índices morfométricos aplicados no estudo anterior – com exemplares evoluídos do Acheulense, já a técnica de talhe apurada, que conduziu à fina espessura da peça, aproxima-se das características dos bifaces triangulares do Mustierense de Tradição Acheulense. Em particular, avulta a semelhança com exemplares de grande tamanho, como um dos representados por F. Bordes, da Dordonha, com 209 mm de comprimento e fino trabalho bifacial total em ambas as faces (Bordes, 1961, Pl. 60).

A implantação da peça do Brunheiro no diagrama de Bordes, que relaciona o comprimento máximo, a largura máxima, e a posição da maior largura face ao comprimento contado a partir da base e a largura a meio do comprimento, situa-a

inequivocamente no campo dos bifaces paleolíticos cordiformes (Santos; Cardoso, 1999, fig. 2).

Contudo, a referida análise morfométrica não contemplou a espessura da peça, e a apreciação desta dimensão levou à verificação de que nenhum dos bifaces acheulenses ou mustierenses compulsados possuía espessura tão fina, face às duas outras dimensões principais, existente apenas em peças bifaciais mais modernas. Por outro lado, a apurada técnica de talhe observada em bifaces micoquenses, como os recentemente dados a conhecer do território português (Marks, 2005, p. 206), não se confunde com a exibida pelo exemplar em apreço, com reflexos na espessura deste, que é muito menor do que a daqueles. São também de reter três bifaces de sílex, cuidadosamente lascados em ambas as faces, de contorno lanceolado, da estação de Casal do Monte (Loures), publicados por H. Breuil e G. Zbyszewski, e por eles considerados como “excepcionalmente finos” (Breuil; Zbyszewski, 1942, p. 144, 145). Porém, embora as espessuras sejam semelhantes às dos dois exemplares do Brunheiro, os respectivos comprimentos são significativamente menores (respectivamente, 87, 84 e 82 mm). Deste modo, pode concluir-se que o exemplar inteiro do Brunheiro não corresponde a um biface acheulense, ao contrário do que foi anteriormente admitido, mas sim a uma grande folha bifacial, mais moderna.

2 – Folhas de loureiro solutrenses. Uma observação mais detalhada da técnica de talhe revelada pela peça completa evidencia a regularidade dos levantamentos primários, obtidos provavelmente com percutor duro, sub-horizontais, a partir de cada bordo, que atingem ou ultrapassam a parte média de ambas as faces, sendo interrompidos por outros levantamentos, a partir do bordo oposto. A regularização foi depois feita com a ajuda de percutor elástico, de que resultaram múltiplos levantamentos secundários, de menor extensão, estreitos e perpendiculares aos bordos. Enfim, estes foram finalmente regularizados por finos retoques contínuos, produzindo gumes convexos e regulares. Considerou-se, pois, a eventualidade de ambas corresponderem a grandes folhas solutrenses. Tal possibilidade não foi apoiada pela pesquisa bibliográfica efectuada. Com efeito, o maior exemplar de folha de loureiro compulsada (Smith, 1966, fig. 55, n.º 6) possui comprimento próximo ao da peça inteira do Brunheiro: 219 mm desta contra 226 mm daquela, o que desde logo levantaria fundadas dúvidas sobre a inclusão do exemplar português naquele grupo, aliás reforçadas pelas diferenças morfológicas patentes, designadamente no contorno, o qual, nas folhas de loureiro com tais dimensões, se apresenta naviforme, quase simétrico, com ambas as extremidades apontadas, para além de ser distinta a tecnologia de talhe utilizada.

3 – Alabardas do Neolítico Final ou do Calcolítico. As lâminas designadas por “foicinhas”, de que se recolheram largas dezenas de exemplares no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) (Cardoso, 1989, 1994; Carvalho, 1998), tal como em muitos outros sítios da Estremadura, por vezes correspondendo a vastas oficinas onde eram produzidos os esboços, como as identificadas na região de Rio Maior (Zilhão, 1994), ou no povoado de Vila Nova de São Pedro (Jalhay; Paço, 1945), além de serem sempre de dimensões muito menores, apresentam características tecnológicas e tipológicas diferentes. Em Leceia, pode estabelecer-se a sequência operatória das etapas da preparação deste tipo de peças, desde a fase de preparação a partir da massa lítica original (Cardoso, 1997).

A hipótese de se tratar de uma folha de alabarda de grandes dimensões, até por exclusão das alternativas atrás discutidas, é a que se apresenta mais credível.

Tais peças possuem usualmente um formato subtriangular, assemelhando-se a um triângulo isósceles, do qual a base corresponde ao lado menor. O. da Veiga Ferreira considerou duas variantes: o “tipo Casainhos”, com base ligeiramente convexa, e o “tipo Casa da Moura”, com base bicôncava, com proeminência central (Ferreira, 1970); tais características não se observam no presente caso, que possui base fortemente convexa; é de assinalar, também, que, em tais artefactos, o retoque bifacial é muito mais fino, caracterizando-se por um número muito maior de negativos iniciais, a partir de ambos os bordos laterais, em geral com percutor elástico ou por pressão orientada, produzindo negativos subparalelos muito mais regulares do que os observados no exemplar inteiro em apreço. Deste modo, é por não possuir tais características, e não tanto pelo tamanho, que esta peça se afasta daquele grupo de artefactos. Na verdade, no dólmen de Cabecinha, Figueira da Foz, foi recolhida por A. Santos Rocha uma alabarda de dimensões extraordinárias, de sílex, atingindo o comprimento de 320 mm (Rocha, 1900, p. 202 e Est. XXIII, fig. 304), e não 320 mm como indica E. Jalhay (Jalhay, 1947), erradamente seguido por S. Forenbaher no estudo já indicado (p. 153). Trata-se, sem dúvida, do maior exemplar no seu género do território português, o qual, se completo, poderia atingir cerca de 345 a 350 mm. A sua espessura máxima é de 13 mm, sendo, assim, ainda mais esbelto que os dois exemplares do Brunheiro. Tal característica torna provável a sua confecção a partir de uma placa natural de sílex, e não de um núcleo espesso.

Também no interior beirão se registaram alabardas de assinaláveis dimensões, destacando-se o notável conjunto recolhido no dólmen 1 dos Moinhos de Vento (Arganil), em que um exemplar atinge o comprimento máximo de cerca de 266 mm (Nunes, 1981, Est. VII). Mais para sul, avulta, ainda na Beira Baixa, a alabarda do Casal da Barba Pouca (Mação), que, com o comprimento de 232

mm, é também maior do que o exemplar intacto do Brunheiro (Pereira, 1970. p. 88, fig. 32).

Mas todos estes exemplares denotam um acabamento muito mais cuidado, sendo até, por vezes, acompanhado de polimento, como em numerosos exemplares da Estremadura, para além do contorno diferir, afastando-se do cordiforme correspondente ao presente caso. Foram tais aspectos, a par de outros, que conduziram à atribuição destas duas peças do Brunheiro a alabardas de um novo tipo, que poderá ser classificado como “alabardas tipo Brunheiro”, afastada a possibilidade de corresponderem a esboços de alabardas, hipótese inverosímil dado, por um lado, o seu carácter excepcional e, por outro, o afastamento do achado das fontes de matéria-prima conhecidas. A pequena espessura das peças contraria também aquela hipótese, tal como o fino trabalho observado nos dois exemplares, ao longo dos dois bordos laterais, especialmente num deles, como já anteriormente se referiu.

Este tipo novo encontra-se, de momento, apenas representado pelos dois exemplares em apreço, sendo caracterizado por grandes dimensões, contorno cordiforme típico e trabalho de lascamento total em ambas as faces, sem polimento ulterior, através de largos e profundos levantamentos sub-horizontais, seguido de levantamentos secundários, apenas para os acabamentos e regularização dos gumes.

No estado actual dos conhecimentos, as duas peças do Brunheiro, encontradas ocasionalmente nos finais do século XIX, poderão correlacionar-se com sepultura; mas as circunstâncias do achado, bem como as características do provável sepulcro, permanecerão definitivamente ignoradas.

Embora ocorram em região onde nada faria prever que viessem a ser encontradas, é de referir, contudo, a presença de povoamento calcítico na região, bem documentado por diversos núcleos habitacionais, alguns deles conhecidos de há muito, como o povoado da Vinha da Soutilha, Mairos (Santos Júnior, 1933), tendo outros, entretanto descobertos, sido objecto de trabalhos arqueológicos nas décadas mais recentes (Jorge, 1986).

AGRADECIMENTOS

Cumpre apresentar agradecimentos ao Prof. Doutor João Zilhão, ao Dr. Luís Raposo e a Júlio Roque Carreira, pelas trocas de impressões havidas no âmbito da preparação deste estudo. Agradece-se, ainda, ao segundo, a autorização para o estudo de um dos exemplares, conservado no Museu Nacional de Arqueologia, bem como à Dr.^a Ana Isabel Santos, o apoio dispensado para tal efeito. E, ainda, ao actual possuidor do exemplar completo, por ter autorizado o desenho e fotografia do mesmo

e ao Doutor M. M. Ramalho, então Vice-Presidente do ex-Instituto Geológico e Mineiro, por ter autorizado o estudo da correspondência de Joaquim Fontes, conservada no Arquivo Histórico daquela instituição.

BIBLIOGRAFIA

- BORDES, F. (1961) – *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*. Bordeaux: Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux. 2 vols. (Mémoire; n.º 1).
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. vol. 1. (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal; t. XXIII).
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia – resultados das escavações realizadas*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia sentinelado do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa, Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, M. (1963) – Instrumentos pré-históricos de dimensões anormais e a estatura do homem primitivo. *Lucerna*. Porto. 3, p. 81-87. Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia. Republicado em *Obras de Mário Cardozo*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1994. 1, p. 377-390.
- CARVALHO, A. F. de (1998) – O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3 / 4, p. 41-60.
- CORREIA, A. A. M. (1919) – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORREIA, A. A. M. (1924) – *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto: Casa editora de A. Figueirinhas.
- CORREIA, A. A. M. (1928) – A Lusitânia pré-romana. *História de Portugal* (dir. Damião Peres). Barcelos: Portucalense Editora. 1, p. 79-214.
- CORREIA, V. (1912) – O Paleolítico em Portugal – estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 17, p. 55-62.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 4, p. 165-173.
- FONTES, J. (1912) – Contribution à l'étude de la période paléolithique en Portugal. *7ème Congrès Préhistorique de France*, Nîmes, 1911. Le Mans, p. 137-145.
- FONTES, J. (1923) – *O Homem Fóssil em Portugal*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (Colecção Natura).
- FORENBAHER, S. (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the portuguese Chalcolithic*. Oxford: BAR. (BAR International Series; 756).
- JALHAY, E. (1947) – A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*. Lisboa. 44 (1), p. 36-56.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. do (1941) – Páleo e Mesolítico português. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 13-101.

- JALHAY, E.; PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vila Nova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid, 20, p. 5-91.
- JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. 2 vols.
- MARKS, A. (2005) – Micoquian elements in the Portuguese Middle Pleistocene: assemblages from the Galeria Pesada. *Promontoria Monográfica*. Faro, 2, p. 195-206. (Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, v. 1).
- NUNES, J. de C. (1981) – *Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva*. Coimbra: Assembleia Distrital de Coimbra.
- OBERMAIER, H. (1925) – *El Hombre Fósil*. 2ª. Ed.. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas; Memoria n.º 9).
- PAÇO, A. do (1934) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 1, p. 23-47.
- PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Congresso do Mundo Português*, Lisboa, 1940. Lisboa, 1, p. 131-158.
- PEREIRA, M. A. H. (1970) – *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Coimbra: Câmara Municipal.
- ROCHA, A. dos S. (1900) – *Antiguidades prehistóricas do concelho da Figueira*. 4ª. Parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SANTOS, M. F. dos; CARDOSO, J. L. (1999) – Um notável biface acheulense da serra do Brunheiro (Chaves). *Studium Dilectum. Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida pelo seu 50º aniversário de actividade científica*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 251-263.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. (1993) – A cerâmica campaniforme de Mairós (Trás-os-Montes). *Homenagem a Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 364-372.
- SMITH, P. E. L. (1966) – *Le Solutréen en France*. Bordeaux: Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux (Mémoire; n.º 5).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895) – Acquisições do Museu Etnographico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1, p. 325-326.
- VASCONCELOS, J. L de (1915) – *Historia do Museu Etnologico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. L. de (1917) – Excursão pela Extremadura Cistagana e Norte de Portugal (Notas tomadas em 1895). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 22, p. 143-166.
- VASCONCELOS, J. L. de (1920) – Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnologico pelo Sr. P. H. Breuil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 24, p. 56-58.
- VIANA, A. (1930) – Estações paleolíticas do Alto-Minho. *Portucale*. Porto, 3 (15), p. 189-235.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 2, p. 35-45.